

## **SELO DE QUALIDADE: nova estratégia de reconhecimento da vitivinicultura tradicional de Santa catarina**

*Gérard DESPLOBINS, INRA Montpellier, França  
Aparecido LIMA DA SILVA, UFSC, Florianópolis, Brasil*

No Brasil, o potencial de consumo interno de vinho é forte. Ele progrediu regularmente no ritmo de 5% ao ano, em média, nesses últimos trinta anos. A mundialização dos mercados e a recente divulgação mundial associando vinho e saúde, incentivam parte dos consumidores a procurar vinhos de qualidade. Assim, o setor vitivinícola se encontra duplamente solicitado, no plano produtivo e qualitativo.

Destacando-se no plano Nacional como a segunda produtora de vinho, com pouco mais de 4.000 hectares, a viticultura Catarinense segue o exemplo de sua vizinha do Rio Grande do Sul, primeiro Estado produtor. No momento que a demanda em qualidade conduziu os Gaúchos no caminho dos vinhos finos, produzidos com variedades vinífera transferidas da Europa mas menos adaptadas às condições de produção, Santa Catarina também procura melhorar os vinhos de variedades americanas e híbridas, tradicionalmente cultivadas.

Consciente da instabilidade tecno-econômica que uma nova viticultura a base de variedades viníferas pode conduzir os produtores familiares, a empresa estadual de pesquisa-extensão (EPAGRI) incentiva estes produtores para a valorização de variedades e vinhos típicos. Além das melhorias das técnicas de produção, tanto em condução da videira quanto em vinificação, se soma uma política de reconhecimento e de divulgação do vinho.

Desta maneira, desde a colheita de 2000, se estabeleceu um ‘selo de qualidade’ consagrado ao vinho branco proveniente da variedade Niágara. Este vinho é submetido a uma dupla regulamentação, tanto na produção da uva quanto na vinificação e, posteriormente, é avaliado em concurso de degustação. Então, seu preço de venda pode ser valorizado em mais de 50% em relação ao vinho de

Niágara convencional. Outras iniciativas desse tipo podem surgir, principalmente com a variedade Goethe na Região Sul do Estado (Urussanga), mas sobretudo com Isabel e Bordô variedades produtoras de vinhos tintos que, atualmente, são os preferidos pelos consumidores em relação aos brancos.

Mas o objetivo dessa distinção particular não se reduz somente ao aumento do preço de comercialização que permanece ainda, inferior a metade do valor pago à aqueles dos vinhos finos. Essa política vitícola encontra, assim, fundamento na nova perspectiva oferecida aos produtores tradicionais, de um desenvolvimento vitícola baseado no sistema de produção 'Sistema Latada – Variedades Americanas' que eles dominam perfeitamente. Essa opção, que tem a vantagem de não desestabilizar tecnicamente e economicamente a produção familiar, pode constituir uma resposta original e evolutiva face à concorrência dos vinhos finos, que tendem a uma certa padronização no mercado mundial.

Diante disso, é grande o desafio para os produtores familiares, tradicionalmente ligados ao vinho comum, de valorizar a imagem desse produto. A melhoria da qualidade de um vinho cujo gosto original permanece apreciado por uma grande parte do consumidor nacional, associado ao grande volume de produção, permite a esta vitivinicultura tradicional praticar um preço acessível a esse tipo de vinho, o que o coloca ao alcance de um maior número de consumidores.